



por Johan Norberg

[[Sweden's Lessons for America](#) - Tradução de Giacomino de Pellegrini]

Quando perguntado se ele pode mencionar um único exemplo de país onde o socialismo funcionou, o senador Bernie Sanders (I-VT) diz que sim, mas indica que não é a União Soviética da sua lua de mel ou qualquer outro país onde o governo realmente possua os meios de produção. Em vez disso, diz: “devemos procurar países como a Dinamarca, como a Suécia e a Noruega”. Da mesma forma, a deputada Alexandra Ocasio-Cortez (D-NY) rejeita veementemente qualquer sugestão de que queira transformar os Estados Unidos na Venezuela. Aparentemente, ela prefere transformá-lo em uma grande Suécia ou Dinamarca.

Cedo ou tarde, os socialistas americanos sempre retornam à Suécia e a outros países nórdicos. Há uma boa razão para isso. Por alguma razão, os países que os socialistas divulgavam originalmente sempre acabam em filas para se comprar pão e campos de trabalho forçado. Mas sempre há a Suécia: decente, funcional, não ameaçadora e com credenciais democráticas impecáveis.

Há apenas um problema: a Suécia não é socialista.

Se Sanders e Ocasio-Cortez realmente querem transformar os Estados Unidos na Suécia, como seria isso? Para os Estados Unidos, significaria, por exemplo, mais livre comércio e um mercado de produtos mais desregulado, não Fannie Mae e Freddie Mac, e a abolição das leis de licenciamento ocupacional e salário mínimo. Os Estados Unidos também teriam que abolir os impostos sobre propriedades, doações e herança. E mesmo após o recente corte de impostos, os EUA ainda teriam que reduzir um pouco seu imposto sobre as empresas. Os americanos precisariam reformar suas aposentadorias para contribuições e contas privadas. Eles também precisariam adotar um sistema abrangente de vale-escola (*vouchers*), onde as escolas particulares recebem o mesmo financiamento por aluno que as públicas.

Se isso é socialismo, me chame de camarada.

Então, por que tantas pessoas associam a Suécia ao socialismo? Pela mesma razão, elas a associam ao ABBA e ao amor livre: suas percepções estão presas na década de 1970. Naquela época, era razoável dizer que a Suécia estava se movendo em direção ao socialismo. Mas isso foi uma aberração na história da Suécia – uma aberração que quase destruiu o país.

Na década de 1970, muitos estrangeiros examinaram seriamente a Suécia pela primeira vez



e ficaram surpresos ao encontrar um país que combinava uma intervenção governamental maciça na economia com um padrão de vida muito alto. A Suécia parecia ter descoberto a quadratura do círculo. Mas era como a velha piada: como você se torna um milionário? Seja um bilionário antes.

Já em 1950, a Suécia havia se tornado o quarto país mais rico do mundo, e não havia nada de misterioso em seu progresso. A Suécia também foi a quinta economia mais livre da época, de acordo com uma análise de Robert Lawson e Ryan Murphy no *O'Neil Center for Global Markets and Freedom* na *Cox School of Business* da *Southern Methodist University*. Em 1950, os impostos representavam apenas 21% do produto interno bruto (PIB) da Suécia, abaixo dos Estados Unidos e cerca de 10 pontos percentuais abaixo do nível em países como Grã-Bretanha, França e Alemanha Ocidental.

Revolução Liberal da Suécia

Essa era de menos Estado foi o resultado de uma transição ainda mais antiga. Em meados do século XIX, o governo sueco foi assumido por um grupo de liberais clássicos liderados pelo ministro das Finanças, Johan August Gripenstedt, que creditou a [Frédéric Bastiat](#) o responsável por abrir os olhos para a superioridade do livre mercado. Em pouco tempo, esses liberais aboliram o sistema de guildas, derrubaram barreiras comerciais, desregulamentaram os negócios e os mercados financeiros e começaram a dismantelar a discriminação legal contra as mulheres. Eles também implementaram imigração e emigração abertas, o que instantaneamente levou os suecos a fazer fila para qualquer navio que pudesse levá-los aos EUA. Lá, eles absorveram ideias sobre liberdade humana e organização comercial que inspirariam seus compatriotas ainda mais em casa.

Gripenstedt havia prometido que suas reformas ajudariam a transformar seu país desesperadamente pobre em um dos mais ricos da Europa, mas foi amplamente ridicularizado quando deixou o governo em 1866. Críticos conservadores o chamavam de covarde por sair do governo exatamente quando as pessoas começavam a ver como suas políticas haviam destruído o país. Os críticos insistiram que o dismantelamento dos controles governamentais causaria estragos na economia e que concorrentes estrangeiros deixariam a indústria sueca em ruínas.

Mas Gripenstedt estava certo. As reformas deram início à industrialização da Suécia. De 1870 a 1913, o PIB per capita da Suécia aumentou 2% ao ano, 50% mais rápido do que o resto da Europa Ocidental. E durante esse período, os gastos públicos não ultrapassaram um décimo do PIB. Então a Suécia enfrentou duas guerras mundiais, mantendo os mercados abertos, os impostos baixos e expandindo o tamanho do governo com mais cautela do que



outros.

Os social-democratas rapidamente se tornaram um partido pragmático depois que chegaram ao poder em 1932, e alguns social-democratas eram, de fato, comerciantes e comerciantes livres mais consistentes do que muitos da direita. O partido sabia que grandes empresas multinacionais traziam os bens, portanto forneciam condições muito hospitaleiras e deduções generosas para os custos de capital. Os socialistas suecos deixaram o mercado ficar livre para criar riqueza e decidiram redistribuir parte desse resultado - mas não tanto ao ponto de ameaçar a criação de riqueza.

Mais do que outros países, a Suécia manteve o livre comércio e a concorrência internacional garantiu que as empresas continuassem se reestruturando e inovando. Os sindicatos permitiram que setores antigos, como agricultura, transporte marítimo e têxtil, entrassem suavemente numa boa noite, desde que novas indústrias nascessem para substituí-los.

Um século após a renúncia de Gripenstedt, suas esperanças para a Suécia e amplamente zombadas foram cumpridas. Agora era um dos países mais livres e ricos do mundo.

Também era o lugar perfeito para experimentar o socialismo.

A experiência socialista

Gunnar e Alva Myrdal, os dois principais pensadores social-democratas suecos do século XX, pensavam que os países escandinavos eram exclusivamente adequados para um generoso Estado de bem-estar. Eram países ricos, com negócios competitivos que podiam financiar tudo. Também tinham populações homogêneas com uma ética de trabalho forte, serviços civis não corrompidos e um alto grau de confiança. Se não funcionasse lá, seria difícil acreditar que pudesse funcionar em qualquer lugar.

De forma lenta mas firmemente, os social-democratas interviram na educação e na assistência à saúde e criaram sistemas de seguridade social que ofereciam pensões, seguro desemprego, licença paterna e licença médica. A maioria dos benefícios era proporcional ao valor pago para que a classe média tivesse interesse em apoiar o sistema.

Mas assim que os cofres ficaram cheios e montando uma onda socialista internacional, os social-democratas aceleraram sua aquisição de empresas e intervenção na sociedade civil. Entre 1960 e 1980, os gastos públicos mais que dobraram, de 31% para 60% do PIB, e os impostos dispararam. O governo começou a regular as empresas e o mercado de trabalho em detalhes. Os social-democratas começaram a experimentar um sistema de socialização



de grandes empresas, “o fundo dos assalariados”.

Esta é a versão do modelo sueco que chamou a atenção do mundo e a versão que Bernie Sanders se lembra. No exato momento em que o socialismo alcançou seu maior prestígio internacional, havia um país pequeno e democrático que aparentemente provou que o socialismo e a riqueza podiam ser combinados.

Mas isso é como tirar uma foto de Elvis Presley e ao mesmo tempo concluir que o caminho para se tornar o rei do rock era comer sanduíches de banana e bacon com medicamentos prescritos. O modo como a Suécia se comportou quando chegou ao topo foi o oposto do que havia feito para chegar lá.

O Inferno de Palme

Este foi um momento de glória sueca apenas nas reportagens de jornais americanos e europeus. Na realidade, foi o momento A Revolta de Atlas da Suécia. O talento e o capital saíram da Suécia para escapar de impostos e burocracia. As empresas suecas mudaram a sede e os investimentos para lugares mais hospitaleiros. A IKEA partiu para a Holanda e a Tetra Pak para a Suíça. Björn Borg e outras estrelas do esporte fugiram para Mônaco. O famoso romancista Vilhelm Moberg, que se estabelecera na Suíça, reclamou que o governo sueco era um “monstro sem moral ou senso de poesia”. O lendário cineasta Ingmar Bergman partiu para a Alemanha depois de ter sido falsamente acusado de sonegação de impostos.

“Isso é um inferno”, disse o primeiro-ministro Olof Palme a portas fechadas, referindo-se ao fundo de assalariados em que não conseguia acreditar. A economia sueca, que se acostumara a superar todas as outras economias industrializadas, agora começara a ficar para trás significativamente. Em 1970, a Suécia era 10% mais rica que o grupo G7 de países ricos em uma base per capita. Em 1995, ficara 10% mais pobre. Durante esse período, nenhuma vaga de trabalho líquido foi criada no setor privado da Suécia.

O ponto principal é que as políticas socialistas nem funcionaram na Suécia, apesar das esperanças de Gunnar e Alva Myrdal. A intervenção maciça do governo prejudicou não apenas a produtividade e a inovação, mas também as próprias bases que fizeram a Suécia parecer o melhor lugar para experimentá-la. A célebre ética de trabalho permaneceu intacta para aqueles que cresceram sob um sistema de livre mercado e responsabilidade pessoal, mas foi erodida em novas gerações que só experimentaram altos impostos quando trabalhavam e benefícios generosos quando não. As pessoas estavam se transformando em “uma população de trapaceiros”, exclamou Gunnar Myrdal, decepcionado.



A parte dos suecos que disseram que é aceitável mentir para obter benefícios públicos aumentou de 5% em 1960 para 43% em 2000. Após a implementação de benefícios generosos de licença médica, os suecos que eram objetivamente mais saudáveis do que qualquer outra população do planeta subitamente estavam mais fora do trabalho por “doenças” do que qualquer outra população – suspeitosamente trabalhadores do sexo masculino durante a temporada de caça e grandes eventos esportivos internacionais.

Por um tempo, um boom alimentado por dívida e inflação manteve a economia avançando. Mas quando isso terminou em 1990, a Suécia sofreu um acidente espetacular. O desemprego aumentou e o déficit orçamentário logo alcançou 11% do PIB. Por alguns dias em 1992, o Banco Central tentou defender a moeda sueca com uma taxa de juros de 500%.

A Contra-contra-revolução

Nessa época, um espectador já havia concluído que o experimento da Suécia com o semi-socialismo era “insustentável”, “absurdo”, “podre” e “perverso”. Esta não era a opinião de um oponente ideológico do projeto, mas de alguém que falou de uma experiência amarga: o Ministro das Finanças Social-Democrata Kjell-Olof Feldt.

Ele concluiu: “Essa coisa toda com o socialismo democrático era absolutamente impossível. Simplesmente não funcionou. Não havia outro caminho senão a reforma de mercado.” E essa foi a conclusão de pessoas em todo o espectro político. Um governo de centro-direita do primeiro-ministro Carl Bildt, de 1991 a 1994, implementou uma agenda de reformas radicais para levar a Suécia de volta ao seu modelo clássico. Mas os social-democratas também adotaram muitas reformas.

Reduziram o tamanho do governo em um terço e implementaram uma meta de superávit nas finanças públicas. Reduziram os impostos para propriedade e os aboliram para doações e herança. As empresas estatais foram privatizadas e os mercados de serviços financeiros, eletricidade, mídia, telecomunicações e outros foram liberalizados. A Suécia também se juntou à União Europeia para obter acesso livre de tarifas aos seus mercados mais importantes. Em Bruxelas, a Suécia tornou-se a principal voz da restrição e desregulamentação fiscal.

A Suécia implementou a escolha e a concorrência no setor público e criou um sistema de vale-escola. E, para descrença de estrangeiros, os social-democratas e os partidos de centro-direita concordaram em encerrar o sistema antigo de aposentadoria e substituí-lo por contribuições e contas privadas. Agora, os pagamentos de pensões dependem do desenvolvimento da economia, não das promessas dos políticos.



Foi transformacional. Entre 1980 e 2000, a Suécia aumentou 2 pontos na escala de 10 pontos do *Economic Freedom of the World Index*, em comparação com 0,5 nos Estados Unidos de Reagan e 1,8 na Grã-Bretanha de Thatcher. Obviamente, a Suécia começou a partir de um nível mais baixo, mas ainda era uma subida bastante íngreme.

Desde então, a economia sueca mais uma vez ultrapassou seus vizinhos. Embora as reformas tenham sido dolorosas para muitos setores e grupos, foram uma benção para o público em geral. Entre 1970 e 1995, quando o mundo pensava na Suécia como um paraíso dos trabalhadores, a inflação consumia quase todos os aumentos salariais. Desde 1995, pelo contrário, os salários reais aumentaram 65%.

“A fórmula de sucesso dos social-democratas é a retórica socialista, mas as políticas de centro-direita”, como resumiu Björn Rosengren, ministro da indústria social-democrata.

Os gastos e impostos públicos estão agora no nível normal da Europa Ocidental. Os gastos sociais representam 26% do PIB, contra 29% na Bélgica e 31% na França. Mas ainda é muito maior do que nos Estados Unidos. O governo sueco fornece aos cidadãos assistência médica, assistência infantil, faculdades gratuitas e licença parental e médica subsidiada.

Taxando os trabalhadores

A razão pela qual isso não foi um grande obstáculo para a economia é algo que os suecos não têm orgulho de admitir. O sistema tributário não é construído para espremer os ricos – eles são muito poucos, e a década de 1970 mostrou que a economia é muito dependente deles. Em vez disso, a Suécia aperta os pobres. Eles são contribuintes leais, não podem pagar advogados e nunca transferem seus ativos para as Bahamas.

Noventa e sete por cento da receita tributária sueca proveniente da renda provém de impostos proporcionais sobre a folha de pagamento e impostos fixos regionais, fixados em cerca de um terço da renda de todos. Apenas 3% da receita total do imposto de renda provém da “tributação dos ricos” especificamente. O sistema dos EUA é muito mais progressivo. De acordo com a última comparação da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), os 10% do topo nos Estados Unidos pagam 45% do total dos impostos de renda. Na Suécia, é menos de 27%. Se Sanders e a senadora Elizabeth Warren (D-NH) reclamam que os ricos dos EUA não pagam seu “quinhão”, eles realmente odiariam o modelo sueco.

Além disso, mais de um quarto da renda do governo deriva de impostos sobre o consumo, nos quais os pobres pagam tanto quanto os ricos por cada item comprado. Isso inclui um



imposto sobre valor agregado (IVA) de 25% na maioria dos produtos.

Os socialistas suecos aprenderam uma lição que os socialistas de outros países têm dificuldade em entender: você pode ter um grande Estado ou pode fazer os ricos pagarem por tudo isso. Você não pode ter os dois.

Então essa é a verdadeira história do modelo sueco. A economia do *laissez-faire* transformou um remanso pobre em um dos países mais ricos do planeta. Depois, experimentou brevemente o socialismo nas décadas de 1970 e 1980. Isso tornou o país famoso, mas quase o destruiu. E, aprendendo com esse desastre, a esquerda e a direita liberalizaram, em relativo consenso, a economia sueca mais do que outros países, embora ainda esteja longe de seu passado liberal clássico.

Vale lembrar a história da Suécia quando, como mostra uma pesquisa recente da Pew, 42% dos americanos expressam uma visão positiva do socialismo. De fato, 15% dos autodeclarados republicanos têm uma visão positiva do socialismo. Isso é fácil para eles. Nunca experimentaram isso. Ao mesmo tempo, outra pesquisa mostrou que não mais de 9% dos suecos se chamam socialistas. Surpreendentemente, parece que há menos socialistas na Suécia do que no Partido Republicano.

Um sueco que se recusa a se chamar socialista é Göran Persson, o primeiro ministro social-democrata de 1996 a 2006. Por quê? A televisão sueca perguntou a ele. “Ah”, respondeu, “você acaba se igualando a tantos malucos”.